



## DOCUMENTO INÉDITO: HISTÓRIA DO JORNAL *ASTRO DE MINAS* PELA PENA DO PADRE JOSÉ MARINHO

Alex Lombello Amaral\*

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

[lombelloamaral@yahoo.com.br](mailto:lombelloamaral@yahoo.com.br)

**ABSTRACT:** The history of catholic priest José Antonio Marinho and his history of the journal *Astro de Minas* are rich in “news” about the First Reign (1822-1831) and about the Regency (1831-1840), about the poor black men and about the press in Brazil.

**KEYWORDS:** Poor black men; Press; First Reign; Regency.

**RESUMO:** A história do padre José Antonio Marinho e sua história sobre o periódico *Astro de Minas* são ricos em “notícias” sobre o Primeiro Reinado (1822-1831) e sobre a Regência (1831-1840), sobre os homens pobres de cor e sobre a imprensa no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homens negros pobres; Imprensa; Primeiro Reinado; Regência.

Em 8 de Dezembro de 1835, o Padre José Antônio Marinho tornou-se redator do periódico *Astro de Minas*, em São João del-Rei, Minas Gerais. Logo no início de 1836 Marinho escreveu um longo artigo, denominado *Ao público*,<sup>1</sup> no qual informava ser o novo redator e traçava uma história do *Astro de Minas*. Antes porém de oferecer à comunidade de historiadores esse documento da história e da historiografia<sup>2</sup> do Brasil, é necessário tratar um pouco mais do seu autor, do periódico por ele historiado e desses anos decisivos de meados do período regencial.

Mais conhecido pela sua obra *História do Movimento Político de 1842*,<sup>3</sup> publicada em 1844, que trata da chamada Revolução Liberal de Minas Gerais e São

---

\* Especialista em História de Minas Gerais pela UFSJ. Mestrando em História pela UFJF

<sup>1</sup> **ASTRO DE MINAS**, São João del-Rei, n.1272, 19/01/1836.

<sup>2</sup> História e historiografia por que Marinho não só fez como escreveu história, e foi reconhecido em vida por esses dois fatos.

<sup>3</sup> Cf. MARINHO, José Antônio. **História do Movimento Político de 1842**. Apresentação de Francisco Iglesias. Belo Horizonte/Itatiaia/São Paulo: USP, 1977.

Paulo, Marinho não participou só desse momento da história do Brasil. Aliás, nessa obra também não tratou apenas desse movimento armado, mas da história do Brasil, que vivenciou desde a independência.<sup>4</sup>

Mulato, filho de lavradores pobres do Norte de Minas, José Antônio Marinho nasceu em 1803 na freguesia do Brejo Salgado, às margens do rio São Francisco, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1853, “pobre pela sua filantropia”, segundo necrológio no Correio Mercantil.<sup>5</sup> Seus estudos foram custeados por um rico fazendeiro, que se encantou com sua inteligência. A Revolução do Porto aconteceu quando Marinho tinha dezessete anos, e a guerra de independência impediu que seu padrinho o enviasse para Coimbra. Encaminhado, como opção de continuidade dos estudos, para o Seminário de Olinda, José Marinho alcançou nessa instituição o cargo de diácono do bispo. Em 1824, envolveu-se no movimento revolucionário autodenominado Confederação do Equador, pegou em armas e atingiu, nas forças armadas republicanas, o posto de alferes. Com a derrota da Confederação, sofrida nesse mesmo ano, foi proibido de retornar ao Seminário de Olinda,<sup>6</sup> ou seja, foi expulso.

Voltou a pé de Pernambuco a Minas Gerais, viveu um tempo de dar aulas particulares na vila da Barra (hoje pertencente à Bahia), e depois retomou seus estudos eclesiásticos no Seminário do Caraça, onde também se destacou, pois, ainda estudante, tornou-se professor nesse mesmo colégio. Em 1829, recebeu ordens na cidade de Mariana:

[...] e teve uma ativa carreira eclesiástica como pároco, em Minas e no Rio de Janeiro. Na capital do Império, tornou-se pregador da Capela Imperial; em 1839, cônego honorário da mesma, em 1840; camareiro secreto de Pio IX; em 1847, com honras de monsenhor, cura do Santíssimo Sacramento da Sé do Rio de Janeiro, por concurso, em 1847, e Comendador da Ordem de Cristo.<sup>7</sup>

A despeito dessa carreira na Igreja, seus inimigos políticos faziam questão de divulgar que Marinho estava longe de ser um ortodoxo em matéria religiosa. O periódico *Parahybuna*, impresso em Barbacena entre 1836 e pelo menos 1840, que em todo cabeçalho carregava o nome de Bernardo Pereira de Vasconcellos, e defendia um

<sup>4</sup> Cf. SILVA, Wlamir José da. “**Liberais e o Povo**”: a construção da hegemonia liberal-moderada na Província de Minas Gerais (1830-1834). Rio de Janeiro. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – PPG-UFRJ, Universidade do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Cf. Ibid.

<sup>6</sup> Cf. Ibid.

<sup>7</sup> Cf. Ibid., .

catolicismo mais romano que o do Papa, sempre publicava contra José Marinho artigos como “*Caráter do Maringo*”:

Na Seção de 15 de Março disse o Sr. Marinho – Que ele como Deputado não tinha contemplações, nem com Jesus Cristo!! – Ora isto dito por um sacerdote fez arrepiar a muitos, que se achavam nas Galerias...<sup>8</sup>

Essa mesma folha denunciava que o *Astro de Minas* por Marinho redigido seria capaz até de atacar abertamente a religião, no original do *Parahybuna* com letra maiúscula, o que não se pode confirmar por falta de cópias do número 1768 do *Astro*:

Lea-se o *Astro* n. 1768 ult. pág., onde a pretexto de uma anedota entre dois sapateiros se insinua que a Religião é só para o povo!!<sup>9</sup>

Para esse periódico agente do Regresso, o *Parahybuna*, o Padre Feijó teria sido o chefe de um *Governo Diabo*,<sup>10</sup> que planejara instituir no Brasil uma reforma religiosa à semelhança da Constituição Civil do Clero da Revolução Francesa. Marinho seria um representante dessa tendência em Minas Gerais, um inimigo da Igreja no parlamento:

Apesar das extravagantes idéias do Sr. Marinho, emitidas na Discussão do Projeto acerca da Sé de Mariana, conseguiu-se a final a conservação de dez Cônegos, e dez Capelães, quatro meninos de coro, um sacristão mor, um organista &. &.<sup>11</sup>

E seu partido seria mesmo capaz de se fazer de César e tentar usurpar o que seria de Deus, como no artigo “*Rebelião dos Garimpeiros da Assembléia*”:

É além de toda expressão o atrevimento dos Garimpeiros que têm poluído a Assembléia Provincial, [...] mandaram por duas Comissões reunidas examinar o ato anulatório da Assembléia Geral sobre a Lei Provincial n.48, que converteu em soldados de primeira linha os nossos Vigários, sujeitando-os a estarem destacados nesta ou naquela freguesia, segundo a vontade dos Presidentes, a quem a celebre lei autorizava para os suspender e remover quando quisessem!! De sorte que a jurisdição espiritual dos Párcos, a faculdade de administrar os Sacramentos, esse Poder todo Divino inerente à sublime dignidade de Pastor, podia ser suprimido, e revogado por um Presidente leigo!!<sup>12</sup>

Bem de acordo com a relativamente pouca especialização verificada na economia brasileira da época, Marinho, além de sacerdote e professor, atuou como advogado, redator de periódicos, parlamentar, foi funcionário da Tesouraria Geral da Província e Diretor dos Índios. Como professor, além de aulas particulares e do

<sup>8</sup> **PARAHYBUNA**, Barbacena, N. 90, 22/04/1837.

<sup>9</sup> *Ibid.*, N.174. 09/07/1839.

<sup>10</sup> *Ibid.*, N. 143. 30/04/1838.

<sup>11</sup> *Ibid.*, N.76. 01/03/1837.

<sup>12</sup> *Ibid.*, N.143. 30/04/1838.

Seminário do Caraça, lecionou filosofia em Congonhas, Ouro Preto, São João del Rei, onde chegou a diretor do colégio, e Rio de Janeiro, onde fundou o Colégio Marinho, que alcançou prestígio na Corte.<sup>13</sup> A versão dos seus inimigos políticos sobre sua carreira docente, por revelar a tática dos Regressistas contra a defesa Liberal<sup>14</sup> da instrução pública, merece ser conhecida:

Consta que o Sr. Marinho, apesar de seu reconhecido saber, ia sujeitar-se a um exame público de filosofia! a fim de alcançar a Cadeira desta ciência em S.João del-Rei. Saibam nossos Leitores que o Sr. Marinho muito esbocou (sic.) para a criação de tal Cadeira. E ainda dirão os maledicentes, que o Sr. Marinho não cuida de seus interesses, que é extravagante, que não faz caso de dinheiro??<sup>15</sup>

O Padre Marinho colaborou com a imprensa Liberal no *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*,<sup>16</sup> em Ouro Preto, no *Astro de Minas*, no *Despertador Mineiro* e no *Americano*, de São João del Rei, na chefia de redação do *Correio Mercantil*, no Rio de Janeiro e no *Constitucional*, em Ouro Preto.<sup>17</sup> Essa atuação é que o torna mais propício a ser estudado, por ter produzido vasta documentação nas próprias folhas em que escreveu, e se tornado alvo das folhas oponentes.

Como parlamentar foi vereador em São João Del Rei,<sup>18</sup> juiz de paz em Ouro Preto (1834), deputado provincial nas duas primeiras Legislaturas (1835-1839) e deputado à Assembléia Geral na quarta, como suplente, sexta e sétima Legislaturas (1839, 1845-1847, 1848).<sup>19</sup> Teve dois mandatos interrompidos com a dissolução da Câmara, em 1842 e 1848. Foi ativo parlamentar, cuidando de todos os assuntos, e, sobretudo, de questões ligadas à educação. Abandonou a política em 1849, como vários

<sup>13</sup> SILVA, Wlamir José da. **“Liberais e o Povo”**: a construção da hegemonia liberal-moderada na Província de Minas Gerais (1830-1834). Rio de Janeiro. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – PPG-UFRJ, Universidade do Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> Utilizamos iniciais maiúsculas, pois nos referimos a um nome próprio, mesmo sabendo que não era esse o uso no século XIX, para Liberal, Conservador, Progressista, Regressista e outros termos que se refiram aos partidos, ou seja, às alas políticas. Nossa intenção é poder utilizar Liberal e liberal, Conservador e conservador como coisas diferentes, pois, por exemplo, os Liberais, em alguns aspectos, eram conservadores, e a política dos Conservadores, em alguns aspectos, era liberal no sentido clássico, ou seja, dos autores de referência, como Adam Smith e John Locke.

<sup>15</sup> PARAHYBUNA, Barbacena, N.76. 01/03/1837.

<sup>16</sup> CARVALHO, André; BARBOSA, Waldemar. **Dicionário Biográfico** – Imprensa Mineira. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1994, p. 128.

<sup>17</sup> SILVA, 2002, op. cit.

<sup>18</sup> CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Galeria das Personalidades Notáveis de São João Del-rey**. 1994, p. 37.

<sup>19</sup> SILVA, 2002, op. cit.

líderes Liberais diante da hegemonia do Partido Conservador.<sup>20</sup> Seus inimigos o reconheciam como político influente, como nessa acusação impagável:

Cabe aqui advertir que em São João os Eleitores são o fruto da cabala urdida por Marinho e outros... Não admira pois que em São João os Eleitores votem ao avesso da maioria da Província. E por ventura esses Eleitores exprimiram os votos e sentimentos do Povo de São João del-Rei? Não: os homens de bem, os grandes Proprietários, os Negociantes ricos foram todos suplantados nas Eleições pelos Pelintras...<sup>21</sup>

O *Parahybuna*, que atacava inúmeros Liberais, não poupou Marinho em nenhum de seus números de que ainda existem cópias. Era esse padre, aliás, o mais atacado, recebendo um mínimo de duas citações por exemplar.<sup>22</sup> Marinho era chamado de *Pe. Alugado*, *Pe. Mamado*, *Maringo*, “rebelde macaco...”,<sup>23</sup> “macaco negro da Assembléia Provincial”<sup>24</sup> e de tudo que se considerasse desmoralizante. “Mamado” refere-se ao que mama nas tetas públicas, ao que é subornado, portanto é similar de “Alugado”. As outras três acusações merecem mais reflexão, dado que possivelmente evidenciam aspecto interessante da estratégia Regressista, na qual esta é absolutamente oposta à estratégia Progressista. Marinho, como já foi dito, não era branco. Os termos “macaco” e “macaco negro” provavelmente já tinham conotação racista no início do século XIX. O termo “Maringo”, provavelmente era uma mistura de “maringá” com “Marinho”. Maringá aplica-se a bovídeos e caprinos cujos pêlos são claros, salpicados de negro.<sup>25</sup> Portanto, com a palavra “Maringo” o Parahybuna chamava o redator do Astro de Minas de mestiço e de “cabra”, que significavam quase a mesma coisa, pois “cabra” era um determinado tipo de mestiço.

Marinho também era freqüentemente acusado de ser republicano, como no artigo “*Revelação importante*”, que denunciava uma sociedade secreta, a Gruta, em São João del-Rei:

Se a Republica do Piratini tem sido um sonho vão, quanto mais essa que projetais no meio de um Povo devotado à Monarquia Constitucional!! Se a independência da Bahia só tem servido para ensangüentar o seu florescente solo, como há de Minas acompanhar os

---

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> **PARAHYBUNA**, Barbacena, N.144, 03/04/1838.

<sup>22</sup> Só não afirmamos que era o mais odiado pois Theófilo Ottonni, chamado até de “burro”, o que é reconhecido absurdo, disputava com ele esse posto.

<sup>23</sup> **PARAHYBUNA**, Barbacena, N.148, 20/04/1838.

<sup>24</sup> Ibid., N.144, 03/05/1838.

<sup>25</sup> Dicionário eletrônico **Houaiss** da língua portuguesa 1.0. Instituto Antônio Houaiss.

delírios de vossa imaginação escaldada, Minas que de coração detesta perigosas mudanças!

[...]

Sim, Mineiros! Acha-se instalada em São João del-Rei uma Sociedade secreta denominada a – Gruta – cujo fim principal é fazer a independência da Província. Esta Sociedade (dizem os bigorrilhas para fazê-la mais prestigiosa) traz a sua origem do – Tiradentes -; é modelada segundo seus planos, e adaptada às atuais circunstancias do Brasil. Os seus fundadores são, Marinho combinado com Manoel Ignácio, e Limpo de Abreu...<sup>26</sup>

Não bastasse a acusação, que envolvia um ex-Presidente da Província, o *Parahybuna* encerrou tal artigo lançando uma de suas costumeiras ofensas a Marinho: “A Gruta é uma associação infame. Para seu descrédito basta que nela figure o macaco negro da Assembléia Provincial”.<sup>27</sup>

O *Astro de Minas*, fundado em 1827, angariava ataques muito semelhantes aos recebidos por Marinho. Seria indelicado traçar aqui, na introdução à história do *Astro de Minas* escrita por Marinho, uma outra história do *Astro de Minas*. Porém, algumas informações a respeito se fazem indispensáveis. O *Astro de Minas* só não era acusado de *mulatismo* por que era uma folha, mas de republicano, anarquista, herege o era bem antes de ter Marinho como redator.<sup>28</sup> Seu criador foi Baptista Caetano d'Almeida (1798-1839), cuja história não cabe nesse artigo, mas do qual é necessário comentar que comportou-se durante sua vida conhecida como um iluminista<sup>29</sup> de São João del-Rei, que criou além do *Astro* e do primeiro periódico para mulheres do Brasil, o *Mentor das Brasileiras*, a primeira biblioteca pública de Minas Gerais, e como parlamentar sempre defendeu a instrução pública, verbas para aulas e bibliotecas. Se Baptista não fosse branco o *Parahybuna* o teria publicado, mas certamente seu Liberalismo incluía a defesa dos direitos políticos dos mulatos, pois o *Astro* foi inúmeras vezes colocado a serviço dessa causa, e além de colocar esse periódico nas mãos de Marinho, colocou a biblioteca aos cuidados de outro padre mulato, Braziel. Na trajetória tanto do *Astro de Minas*, quanto de Marinho, visto que em 1836, quando este último já era redator,

<sup>26</sup> **PARAHYBUNA**, Barbacena, N.147, 17/05/1838.

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> Para compreender as peculiaridades dos Moderados de São João del-Rei é interessante compará-los aos Exaltados do Rio de Janeiro, entre os quais, segundo Marco Morel, “[...] havia defesa da forma de governo republicana, implícita ou explícita” MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial. (1820-1840). São Paulo. Hucitec. 2005.

<sup>29</sup> O termo iluminista é aqui entendido em seu sentido literal, de difusor das luzes, e ideológico, de seguidor dos filósofos assim denominados e propagador de suas idéias, e não como se um iluminista francês tivesse por acidente nascido em Camanducaia.

convém acrescentar a publicação de artigos contra a escravidão e especialmente contra o tráfico negreiro.

Contudo, além da proximidade de idéias entre Baptista Caetano d'Almeida e Marinho, a atuação desse clérigo durante os debates que marcaram a ruptura do partido Liberal Moderado pode ter sido determinante para a escolha de seu nome como redator do *Astro de Minas*. Desde o 7 de Abril de 1831, quando Pedro I foi obrigado a renunciar, o mais poderoso agrupamento político do país era o auto-denominado partido Liberal Moderado. Não se tratava de um partido organizado nos moldes atuais, com diretórios, fóruns oficiais, filiações, atas, programas, mas de um agrupamento por afinidade de posições. Essas afinidades eram tênues, quanto mais na Província de Minas, onde inexistia demarcação de um agrupamento Liberal Exaltado.<sup>30</sup> Já em 1831, os Liberais Moderados estiveram divididos no Parlamento quanto à Lei da Regência, entre um bloco que preferia as instituições inglesas como modelo e outro que preferia as instituições estadunidenses. Em 1832, dividiram-se quanto ao Golpe dos Três Padres, orquestrado pelos Padres Feijó, Custódio e Bento, que pretendia dar ao país a Constituição de Pouso Alegre. Feijó renunciou como parte desse frustrado golpe parlamentar e o Ministério que se seguiu não foi bem aceito por todos os Liberais Moderados.<sup>31</sup> Em 1834, durante a reforma constitucional moderada que ficou conhecida como Ato Adicional à Constituição, novamente estiveram divididos, à semelhança da divergência sobre a Lei da Regência, e não mais tiveram acordo. Durante anos o divisor de águas da política brasileira seria o Ato Adicional, de um lado seus defensores, pretendendo aprofundá-lo, de outro seus críticos, pretendendo extingui-lo.

1835, quando começaram a explodir revoltas nos extremos do Império, foi um ano de redefinições. Vários dos antigos Liberais Moderados aliaram-se aos que até pouco tempo antes eram acusados de Restauradores, e formaram novo agrupamento político, conhecido primeiro como Regressista, que depois se auto-intitulou Partido Conservador. Duas bandeiras unificadoras do partido Liberal Moderado tinham

---

<sup>30</sup> Não se conhece nas Minas nenhuma Sociedade Federal, que em outras Províncias foram criadas pelos Exaltados, mas sim sociedades controladas pelos Moderados, com destaque para a Defensora, e conservadoras, como a União e Lealdade. Também não se conhece nenhuma folha que se reconhecesse Exaltada. Mesmo a *Sentinela do Serro*, de Ottonni, não era acusada de Exaltada pelas folhas Moderadas. Por fim, os deputados Liberais de Minas Gerais, no Rio de Janeiro estiveram ao lado dos Moderados. Existe talvez a possibilidade de que um pequeno trecho do artigo de Marinho, abaixo reproduzido, refira-se a folhas Exaltadas em Minas Gerais, às quais chama de anarquistas, mas ele podia também estar assim se referindo aos Restauradores.

<sup>31</sup> A história do *Astro de Minas* sintetizada por Marinho, e reproduzida ao final dessa contextualização, destaca essa divergência entre os Liberais.

desaparecido, a reforma da Constituição, com o Ato Adicional de 1834, e a luta contra a restauração de Pedro I, que morreu nessa mesma época. Uma folha como o *Astro de Minas*, cujo Liberalismo não era tão pragmático e ia além dessas duas questões, manteve-se tendente ao ideário liberal, sob o título de Progressista até que se reconstituísse um Partido Liberal. Defendeu o Ato Adicional, com destaque para as Assembléias Provinciais e seu poder, mas também o que sempre defendera para além das bandeiras políticas imediatas, ou seja, a ilustração, a instrução pública, como caminhos para se chegar, a médio ou longo prazo, à República e à igualdade jurídica entre os homens. Mas não foram poucos entre os antigos Liberais Moderados que se revelaram desprendidos da doutrina liberal, e não se pode descartar a influência das guerras civis que assolavam o país sobre essa mutação de fator tão central em qualquer cultura política.<sup>32</sup> Em Minas Gerais, essa redefinição de campos teve um aspecto dramático, pois a guinada Regressista foi protagonizada pela própria estrela Liberal da Província, Bernardo Pereira de Vasconcellos. Recordava Marinho:



[...]quando em seção da Assembléia Provincial de 35 nos pusemos em oposição ao Sr. Vasconcellos, e a toda a roda, que o seguia, quando principiamos nós o primeiro na Província a revelar ao Publico as incoerências do ilustre Parlamentar, não sabíamos ainda qual tinha de ser o Regente do Império, e o mesmo Sr. Vasconcellos era um dos candidatos a Regência.<sup>33</sup>

Levantou-se a voz de um padre pobre e mulato contra Bernardo Pereira de Vasconcellos, e logo em seguida Baptista Caetano o convidou para a redação do *Astro de Minas*. Talvez por simples coincidência, por precisar dele, talvez por reconhecê-lo uma pena valiosa contra o Regresso, talvez para lhe dar uma tribuna para defender-se dos ataques de Vasconcellos e sua “roda”.<sup>34</sup> Por três anos, os últimos do *Astro de Minas*, Marinho foi o redator, e ao contrário do que previa ao final de seu artigo sobre a história desse periódico, não foram anos de paz política, mas de luta encarniçada. Nos extremos do Império rebeliões desafiavam o poder do Rio de Janeiro, enquanto nas Províncias centrais o principal agrupamento político se dividira sem as principais bandeiras que o unificavam. Os dois agrupamentos resultaram dessa redefinição de forças, e seriam os embriões dos dois principais partidos do segundo reinado. Ambos

<sup>32</sup> Cf. CEFAL, Daniel. (Dir.). **Cultures politiques**. Paris: PUF, 2001.

<sup>33</sup> **ASTRO DE MINAS**, São João del-Rei, n.1408, 06/12/1836.

<sup>34</sup> SILVA, Wlamir José da. **“Liberais e o Povo”**: a construção da hegemonia liberal-moderada na Província de Minas Gerais (1830-1834). 2002. Tese (Doutorado em História Social) – PPG-UFRJ, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

utilizaram, interpretaram, a história, elemento normalmente presente nas culturas políticas.<sup>35</sup> E é forçoso reconhecer que, se a longo prazo o liberalismo acabou por se tornar hegemônico na sociedade brasileira, a versão de história que preponderou não foi a dos Liberais da Regência, mas a dos Regressistas. O dia 7 de Abril de 1831, por exemplo, acabou esquecido como o desejavam:

[...] corra-se a esponja do esquecimento sobre essa negra parte da nossa História.

Uma revolução iníqua, esteve nesse Dia a ponto de submergir no abismo da Anarquia o Povo mais dócil e o mais digno de ser feliz: os seus promotores, manchando-se com a denegrada nódoa da ingratidão para com o Autor da Independência, com o Doador da Constituição, com o primeiro Chefe da Dinastia Brasileira, com o Poder Inviolável e Sagrado, tentaram sorver no vulcão demagógico o Trono e as instituições salutarens [...]<sup>36</sup>

Quando da morte de José Bonifácio o *Parahybuna* publicou uma “*Necrologia*” dentro de um *box*, surpreendente novidade técnica para os padrões dos periódicos brasileiros da época, na qual o velho Andrada já era denominado “*Patriarca da Independência*”:



No dia 5 de Abril, às 3 horas da tarde faleceu o PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, José Bonifácio de Andrada e Silva, na idade de 75 anos, depois de onze dias de enfermidade. Debalde se esforçaram os melhores médicos da Capital do Império para restituí-lhe a saúde. A morte arrebatou a sua vítima. No dia 6 de Abril devia proceder-se ao embalsamento do corpo, que, depois de receber as honras fúnebres na Corte, será enviado a São Paulo, Pátria deste ilustre Varão.<sup>37</sup>

O *Astro*, assim como os outros periódicos Progressistas, respondia às interpretações históricas dos Regressistas, como no exemplo da pequena nota denominada “*Coincidência notável*”:

O jornal que mais tem assassinado as reputações, a guilhotina política que tem por carrasco o Sr. Vasconcelos, chama-se Sete de Abril; a masmorra, em que mais atrocidades se cometeram e se cometem contra os presos da Bahia, chama-se Sete de Abril; o malvado que mais horrores praticou naquela cidade, depois de vencida, foi o comandante da corveta Sete de Abril; um dos chefes dos sediciosos de Ouro Preto, que morreu no ataque de José Correa, combatendo pelo regresso, chamava-se João Ferreira Sete de Abril. Muita injúria se tem feito ao dia sete de abril.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> Cf. CEFAL, 2001, op. cit.

<sup>36</sup> *PARAHYBUNA*, Barbacena, N.89, 19/04/1837.

<sup>37</sup> *Ibid.*, N.147, 17/05/1838.

<sup>38</sup> *ASTRO DE MINAS*, São João del-Rei, N.1665. 21/09/1838.

Mas o vento havia virado. No mesmo ano em que Marinho assumiu a redação do *Astro*, o agrupamento político então conhecido como Regressista venceu as eleições parlamentares, deixando o Pe. Feijó, Regente Uno, sem maioria sequer na Câmara dos Deputados. Em 1837, Feijó renunciou deixando em seu lugar Araújo Lima, um Regressista, que em 1838 venceria as eleições para Regente Uno. Aos anos de vitórias Liberais Moderadas seguiriam-se décadas de vitórias Conservadoras, e foi exatamente em 1836, em meio à virada dos ventos, que Marinho escreveu a história do *Astro de Minas* que se lê abaixo:

### AO PUBLICO

*Principiamos em o dia 8 de Dezembro pretérito a redação desta folha, e não desejando que as nossas idéias, boas, ou más, sejam a outros imputadas, querendo antes carregar com o peso de toda e qualquer responsabilidade, declaramos ao respeitável público que desde aquela data o – Astro – é redigido por nós, e que continuaremos a prestar esse pequeno serviço a nossa Pátria, em quanto julgarmos que ela dele necessita; e nós o pudermos fazer. O Astro de Minas não precisa ser recomendado principalmente em a Província de Minas, onde ele tem sempre nas fileiras dos Campeões da Liberdade combatido com denodo, e sem o menor esmorecimento. Principiou o Astro a sua carreira quando um partido formidável se erguia ameaçando a Liberdade, e até a Independência da Patria; sabemos todos os perigos, que então corriam aqueles que se atreveram a levantar a voz contra a tirania, e a prol dos direitos do Brasil, e passando de um pulo toda essa extensão de tempo, e todas essas lutas até Março de 1831 chamaremos a atenção de nossos leitores sobre esses dias de verdadeiro horror e susto para todos os Patriotas; qual destino os aguardava? Qual era a situação dos que combatiam a peito descoberto os desregramentos do Governo, e lhe faziam uma guerra sem relaxação? Qual foi o seu susto com as notícias do que se acabava de passar na Corte em os dias de Março? O Astro não se calou, graças ao Patriotismo firme e desinteressado dos que a esse tempo o escreviam, e publicavam, não nos cabe a menor gloria de havermos a esse tempo concorrido com nosso contigente para abrilhantar mais o Astro, que difundia raios ilustradores nas fileiras da Liberdade, e raios abrasadores contra a orgulhosa escravidão, que se mostrava de perto: caiba-nos porem a tarefa de reconhecer e*

*confessar serviços tão relevantes. Apenas se ouviu o grito reformista o Astro esposou com ardor essa idéia, defendeu-a, e sustentou com toda a energia e saber o Sistema, que o Brasil reclamava: mas apenas o Sete de Abril de 1831 esperança aos amigos da Pátria a existência da Liberdade, é o Astro um dos sustentadores da ordem: o exaltado escritor é já o que aconselha a paz, a moderação, e a ordem: clamando pela união a cada momento, só toma a linguagem de combatente, quando o partido restaurador se apresenta em campo disputando os louros adquiridos no memorável Sete de Abril; nas fileiras da Moderação tem o Astro constantemente batido os partidos extremos; e quando a anarquia, levantando a orgulhosa cabeça, ameaça de uma completa dissolução a nossa Província, é o Astro o que com mais afinco em campo combate com denodo a todos os periódicos, que na Capital da Província, em Caeté, e na Corte defendiam os interesses da facção; não pretendemos todavia argüir aos escritores, que forçados a desampararem suas casas, não puderam continuar a redação dos periódicos a seu cargo, quando na mesma ocasião prestaram importantíssimos serviços a causa publica. Sempre enérgico e conseqüente o Astro de Minas combateu os princípios revoltosos, viu coroados seus esforços, e satisfeito com o triunfo da ordem e da Liberdade, não aconselhou medidas, e nem recursos ilegais; embora digam hoje os mesmos, que nessas épocas pediam sangue e cabeças, e aconselhavam os Cidadãos Soldados a que com as armas, que lhes foram dadas para sustentarem a Lei, vingassem os ultrajes dela, atentando contra a vida de seus Concidadãos, que suposto criminoso fossem, não tinham perdido os direitos de serem julgados na forma das Leis escritas; embora sim, esses mesmos, que clamavam, que a ofensa feita a Lei, só podia ser lavada com sangue, arguam hoje os escritores de Minas de bradarem as armas, e concitarem os povos à recursos ilegais; aí estão os escritos de todos esses tempos; que se indignem quais são estes artigos incendiários; se alguma vez os periódicos de Minas tomaram uma linguagem mais enérgica e forte, as circunstâncias o exigiam, e o ardor pela causa publica, e pela dignidade da Província os desculpam. Não menos glorioso para o Astro foi o combate, que sustentou contra todos os defensores de um Ministério<sup>39</sup>, que parecia*

---

<sup>39</sup> Trata-se do Ministério que seguiu-se à renúncia do pe. Feijó, em 1832. Convém relacionar com a seguinte informação de Marco Morel: “Em 1834 houve diminuição quantitativa de títulos da imprensa periódica. Nesta época o governo imperial buscou deter a expansão dos periódicos mediante legislação controladora, mas também de repressão, como ameaças, prisões e até assassinatos de redatores. Se falar que diversos redatores liberais começaram a se arrepender do que consideravam ‘excessos’ de uma opinião politizada que eles ajudaram a criar”. MOREL, Marco. **As transformações**

*infenso a causa publica, e especialmente a da Província de Minas, foi o Astro o primeiro que encetou luta, e a ele o depois se vieram reunir os mesmos, que ao principio lhe faziam guerra: então tudo parecia conspirar contra o Astro, os Periódicos mais acreditados o batiam, e manobras particulares contra ele se desenvolviam, viram porém os contrários que o pensamento do Astro era o da Província, quando todas as Câmaras Municipais e Cidadãos do maior conceito se reúnem para levarem Representações ao Governo em desaprovação de alguns atos desse Ministério que o Astro haviam batido: apesar das intrigas, que tem reinado na Província, o Astro tem sempre seguido um meio termo, desaprovando expressamente as exagerações, bradando contra os premeditados golpes de Estado, e sempre conseqüente. Tal é sucintamente debuxado o glorioso caminho, que o Astro tem feito; estranho absolutamente a quanto por ele se tem dito até o dia oito do pretérito Dezembro nossa voz não é suspeita, e ousamos proferir nosso juízo a favor dos importantíssimos serviços, que o Astro tem feito ao Brasil em geral, e a Minas especialmente. Quanto a nós não pretendemos fazer protestação de princípios, convencido da não existência de partido algum avesso a Liberdade, cuidaremos d'ora em diante de desenvolver alguns artigos, que tratem do melhoramento do país, bem como de dar a nossa opinião sobre aquelas de nossas Leis, que reclamam pronta reforma, por que não podem preencher o fim, para que foram feitas; nosso primeiro desejo é vermos reunidos, formando um só corpo, e com um só pensamento todos os nossos Concidadãos, cuidando muito seriamente de destruir essas prevenções, e desconfianças, nascidas de uma longa luta de partidos, conjurando a todos em nome da Pátria a fim de que nos unamos, e trabalhemos de acordo, para não vermos em a nossa Província, no Brasil todo, as cenas de horror, sangue e destruição, que nas extremidades do Brasil se estão representando. Analisaremos conveniente, e decentemente os atos da Administração assim Geral, como Provincial, e daremos mesmo em extrato o que houver de mais interessante dos atos do Governo; daremos igualmente noticias internas, e externas e nos esforçaremos que elas sejam as mais exatas, que se possam. Tal é o plano, que nós temos traçado, e ao que nos circunscreveremos. José Antônio Marinho.<sup>40</sup>*

---

**dos espaços públicos:** imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial. (1820-1840). São Paulo. Hucitec. 2005.

<sup>40</sup> **ASTRO DE MINAS**, São João del-Rei, N.1272, 19/01/1836.